

CAMINHOS POSSÍVEIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE JUDÔ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROGRAMA *MAIS EDUCAÇÃO*

Autor 1: Leonardo Hiromitsu Ivazaki; Co-Autor 1: Eduardo Ribeiro Dantas;
Co-Autor 2: Ana Claudia Dias Ivazaki
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas

Universidade Estadual da Paraíba, ivazakileonardo@gmail.com

RESUMO

Trata-se do relato de experiência sobre a atuação pedagógica de um oficinairo do Programa *Mais Educação*, que ministrou oficinas de Judô em quatro escolas públicas da Rede Municipal de Educação de Campina Grande-PB, no ensino fundamental I. Teve o objetivo de refletir sobre os limites e possibilidades da formação docente, a partir da atuação enquanto agente cultural em uma política educacional que valoriza a relação entre escola e comunidade, abrindo caminhos para a formação inicial nas áreas contempladas em seus macrocampos. Enquanto resultados, destaca que as atividades desenvolvidas durante as aulas foram ganhando o contexto social de cada escola, buscando respeitar os indivíduos e incluí-los de forma efetiva nas aulas em prol de um equilíbrio em que situações competitivas ou não tiveram uma conotação favorável em cada campo do conhecimento. Ao longo do trabalho, a aprendizagem começou a atender às expectativas. Se, antes, os alunos se mostravam dispersos, com o tempo, mostravam-se cada vez mais interessados e familiarizados com a rotina do judô. Os exercícios que pareciam ser um grande desafio aos poucos foram sendo superados. Nesse formato de aulas, em que a ludicidade foi o fio condutor da aprendizagem, acredito ter obtido sucesso e alcançado para além dos meus objetivos imediatos. Nesse sentido, destaco que a experiência junto ao programa *Mais Educação* possibilitou a continuidade dos meus investimentos existenciais e profissionais com a arte, dessa vez me aproximando da perspectiva do professor-pesquisador, a partir da entrada em um curso superior em Educação Física no PARFOR, onde pude dialogar com diversas teorias da área, ressignificando a minha prática pedagógica cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: Judô, Formação de professores, Programa Mais Educação, Ludicidade.

INTRODUÇÃO

O Programa do Governo Federal *Mais Educação*, instituído pela Portaria Interministerial n. 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, “constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral” (PORTAL MEC, 2016, *on-line*). Visando a diminuição das desigualdades educacionais, o *Mais Educação* efetiva-se através do fomento a atividades organizadas em macrocampos, como o do Esporte e Lazer, que agrega oficinas relativas a diversas práticas corporais, dentre elas o Judô.



O relato de experiência a seguir, apresenta e discute a atuação pedagógica de um oficinairo do Programa *Mais Educação*, que ministrou oficinas de Judô em quatro unidades educacionais da Rede Municipal de Educação de Campina Grande-PB. Busca com isso, refletir sobre os limites e possibilidades da formação docente, a partir da atuação enquanto agente cultural em uma política educacional que valoriza a relação entre escola e comunidade, abrindo caminhos para a formação inicial nas áreas contempladas em seus macrocampos.

OS PRIMEIROS PASSOS DE UM OFICINEIRO DO JUDÔ NO MAIS EDUCAÇÃO

Por me considerar um professor “linha dura” e não ter tido experiências anteriores com a escola pública, não tinha ideia dos desafios que me aguardavam nas oficinas que viria a assumir, ensinando a arte secular do judô. Em relação ao conhecimento da arte, as crianças não se mostravam familiarizadas com as técnicas básicas, cumprimento, saudações, pegada, rolamento, agachamento, coordenação motora fina, lateralidade etc.

Também não conheciam a linguagem própria do judô, que não admite tradução: *sensei, kumikata, hajime, matte, ippon, seiza, mokusso, arigatô, dojô, judogui, obi, ukemi, uchi-komietc.*; assim como a literatura do judô, o nome de seu fundador, Jigoro Kano, a escola, Kodokan, ou seja, a origem da arte era novidade. Tais princípios são essenciais a qualquer praticante do judô, além do código de ética elaborado pela Confederação Brasileira de Judô. Nesse sentido, Roza (2010) enfatiza:

O judô, no conteúdo da Educação física escolar, tem grande poder para socializar, além de abordar valores éticos e morais. Com isso, o trabalho por meio do judô possui conceitos de atitude como companheirismo, o espírito de luta, o saber ganhar e perder, o respeito por normas e regras estabelecidas (ROZA, 2010, p. 30)

Mais do que a socialização, encontrei nas escolas públicas, junto aos alunos de 06 a 13 anos, afetividade. Por me considerar um professor rigoroso, não imaginava que este aspecto tivesse um papel tão expressivo. As crianças, com suas carências afetivas e sociais, mostravam-se quase sempre alegres e felizes ao me ver, não apenas na escola, mas em qualquer outro lugar onde me encontrassem.

Os movimentos corporais, a serenidade e o espírito competitivo, antes de tudo, foram interligados pela afetividade entre alunos e professor, numa arte em que corpo e mente dialogam o tempo todo. Meu objetivo passava a ser mais do que ensinar golpes. Começamos a planejar as aulas de forma que atendessem à demanda de



cada escola, pois cada turma e aluno tinham suas particularidades. Em comum, a maioria tinha necessidades básicas não supridas, como alimentação, por exemplo. Num esporte que exige muito do corpo, estar bem alimentado é essencial para o desempenho das atividades. Percebemos, aos poucos, que a maioria das crianças vinha em busca da alimentação servida na escola pública. Essa realidade inevitavelmente interferiu no planejamento das aulas. Os exercícios que exigiam mais das crianças eram reservados para o horário posterior ao lanche. Assim, dediquei-me cada vez mais ao aspecto lúdico como alternativa que se mostrou bastante eficiente.

O professor utiliza o lúdico para construir uma humanidade, relacionando o homem com o ambiente em que vive, ou seja, não se pode rotular o lúdico como um jogo ou apenas divertimento, porém, pode ser uma atividade divertida, que exige entrega total do ser humano, unindo nesta entrega corpo e mente com o objetivo definido. Uma verdadeira ferramenta para o professor. A única explicação de o lúdico ser fundamental no desenvolvimento da criança é exatamente o aprender como uma forma divertida, e não imposta ou obrigatória. A criança, brincando e jogando, apresenta desenvolvimento físico, motor, social, emocional e, também, cognitivo (ROZA, 2010, p. 18).

Assim, através da ludicidade, conseguimos trabalhar de forma transdisciplinar, atendendo às demandas de professores, alunos e escola. Tradicionalmente, muitos professores de judô costumam adotar uma linha mais focada em golpes e movimentos, de forma que os educandos possam assimilar as noções básicas da arte. Constatei em campo de pesquisa que, nas escolas onde atuo, as crianças não demonstravam conhecimento sobre as regras e vocabulário básicos, como também sobre a literatura do judô. Por exemplo, nunca tinham ouvido falar de Jigoro Kano, fundador do judô.

Jigoro Kano desenvolveu as técnicas de amortecimento de quedas (*ukemis*), bem como criou uma vestimenta especial para o treino do judô (o *judogui*), pois o uniforme utilizado pelos cultores de jujutsu, denominado *hakamá* provocava frequentemente ferimentos. A nova arte do mestre tinha duas formas distintas, uma abrangia as técnicas de queda, imobilizações, chaves e estrangulamentos. Essa forma evoluiu para o esporte e a outra parte consistia nas técnicas de golpear com as mãos e os pés, em combinações com agarramentos e chaves para imobilização, inclusive ataques em pontos vitais, essa forma evoluiu para a defesa pessoal. Desta forma Kano modificou o tradicional jujutsu, unificando os diferentes sistemas, transformando-o em um poderoso veículo de educação física (PINTO et al., 2009, s.p.).

Destarte, as atividades desenvolvidas durante as aulas foram ganhando o contexto social de cada escola, buscando respeitar os indivíduos e incluí-los de forma efetiva nas aulas em prol de um equilíbrio em que situações competitivas ou não tiveram uma conotação favorável em cada campo do conhecimento. Ao longo do



trabalho, a aprendizagem começou a atender às minhas expectativas. Se, antes, os alunos se mostravam dispersos, com o tempo, mostravam-se cada vez mais interessados e familiarizados com a rotina do judô. Os exercícios que pareciam ser um grande desafio aos poucos foram sendo superados. Nesse formato de aulas, em que a ludicidade foi o fio condutor da aprendizagem, acredito ter obtido sucesso e alcançado para além dos meus objetivos imediatos.

A REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A técnica utilizada durante as aulas para a reflexão sobre a prática pedagógica foi a observação participante. Para Correia (2009, p. 31), “A Observação Participante é realizada em contacto directo, frequente e prolongado do investigador, com os actores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa”. Busquei ferramentas pedagógicas que priorizassem a ludicidade para, a partir dela, desenvolver as técnicas e fundamentos do judô, que, segundo Roza (2010), devem ser iniciados pelo conhecimento das vestimentas e higiene pessoal.

Vestimenta e higiene pessoal: Este fundamento é a primeira lição já utilizando o aprendizado e a disciplina, aprender a cuidar do *kimono*, amarrar a faixa. O *kimono* deve estar limpo e a higiene pessoal impecável, pois a unha cumprida de uma praticante (criança) pode machucar ele mesmo ou um amigo [...]. O judô trabalha diversas maneiras para desenvolver o corpo e a mente. Falando em disciplina, o judoca deve entender de higiene pessoal, já que existe contato físico neste esporte (ROZA, 2010, p. 39-40. Grifo do autor).

Nem sempre as crianças conseguiam cumprir essa regra, tenho em vista que algumas relatavam que viviam em situações precárias, no entanto, o não cumprimento dessa regra não era impedimento para a participação dos mesmos, mas, sempre eram orientados, de forma cuidadosa, sem constranger nenhum aluno, a ter cuidado com o corpo e o *kimono*. Compartilhando com Fazenda buscamos na interdisciplinaridade compartilhar nossos conhecimentos, não nos atendo somente as questões voltadas a Educação Física “A pesquisa interdisciplinar somente torna-se possível quando várias disciplinas se reúnem a partir de um mesmo objetivo” (FAZENDA, 2008, p. 22). Assim, objetivamos que os educandos possam

- participar de diferentes atividades corporais, procurando adotar uma atitude cooperativa e solidária, sem discriminar os colegas pelo desempenho ou por razões sociais, físicas, sexuais ou culturais;
- conhecer algumas de suas possibilidades e limitações corporais de forma a poder estabelecer algumas metas pessoais (qualitativas e quantitativas);



- conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações de cultura corporal presentes no cotidiano;
- organizar autonomamente alguns jogos, brincadeiras ou outras atividades corporais simples (BRASIL, 1997, p. 71).

Uma prática esportiva que se proponha a contextualizar diversas formas de conhecimento e cultura deve basear-se no respeito ao próximo, enfatizando a importante contribuição ao processo educativo que busca, através da sua prática, ensinar a alteridade. Em matéria de judô, podem-se incluir também a dimensão ética e o fortalecimento da prática da cidadania ativa.

Na busca de se consolidar um trabalho de qualidade, tenho buscado dialogar com documentos oficiais e autores que me auxiliem na caminhada em sala de aula, a exemplo do volume 07 dos PCN (BRASIL, 1997), Roza (2010), Silva e Oliveira (2009), Correia (2009), Freire (1996) e Fazenda (2008), pois compreendo que o professor é um pesquisador de sua prática pedagógica, e o seu lócus de pesquisa é a escola. Logo, cabe ao professor, através da observação e registro das suas dificuldades e conquistas, elaborar seu plano de aula com base não apenas em livros, mas, sobretudo, na necessidade de seus educandos.

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel principal fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da *heteronomia* para a *autonomia*, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora busca inquieta dos educandos (FREIRE, 1996, p. 70).

Diante destas questões, busco ferramentas que me fornecessem suporte para enriquecer a prática educativa. Minhas inquietações me levaram a dialogar com Silva e Oliveira (2009, p. 02) sobre a importância da elaboração da Sequência Didática Interativa, que “se refere a uma sequência elaborada pelo professor que proporciona uma escolha ou organização de atividades que explorem o domínio do conhecimento dos alunos em sala de aula”.

Destarte, amparo-me na observação participante, que “é dinâmica e envolvente e o investigador é simultaneamente instrumento na recolha de dados e na sua interpretação[...]” (CORREIA, 2009, p. 31). Acredito que, assim, fortaleço conhecimento acerca de minha prática educativa, o que me embasará metodologicamente na elaboração de aulas interativas e atividades capazes de despertar a curiosidade dos alunos e o seu interesse na prática esportiva como um todo. Ao trabalhar a partir da observação participante numa proposta metodológica



qualitativa, objetivo continuamente fortalecer cada vez mais a prática pedagógica e colaborar com a comunidade escolar.

Hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. Algumas características básicas identificam os estudos denominados "I qualitativos". Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando "I captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p.21).

Os dados que passarei a observar a partir de agora durante as aulas, baseados nos estudos científicos nos quais pretendo aprofundar, serviram de base para estabelecer as inter-relações existentes nos mais diferentes campos, proporcionando, dessa forma, a construção de conhecimentos, ao exercer uma prática reflexiva sobre o nosso fazer pedagógico e as problemáticas existentes no cotidiano da vida escolar e seu currículo, colocando-me também como pesquisador do meu próprio fazer.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR

A aprendizagem da Educação Física não se desvincula das demais áreas do conhecimento. Tão pouco o judô, que também é compreendido como uma filosofia de vida. Nesse sentido, é fundamental o diálogo com autores e teóricos que tratem da educação como um todo, para não nos atermos apenas à linguagem sistemática e repetitiva dos movimentos motores.

O ensino exclusivamente verbalista, a mera transmissão de informações, a aprendizagem entendida somente como acumulação de conhecimentos, não subsistem mais. Isso não quer dizer abandono de conhecimentos sistematizados da disciplina nem da exposição de um assunto. O que se afirma é que o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem para a sala de aula (LIBÂNEO, 2011, p. 30).

Acredito que a presença de outras categorias teóricas pode enriquecer de maneira as aulas de judô. Logo, buscarei adotar práticas que dialoguem e interajam entre si, fortalecendo meu conhecimento prático e teórico sem negligenciar a afetividade, tão vivenciada em minha realidade escolar.



É importante para nós, professores, ampliar o nosso repertório, partindo do princípio de que é a partir do conhecimento prévio dos alunos, do respeito às suas individualidades, anseios e inquietações que deve ser elaborado o nosso planejamento, principalmente numa fase da vida em que “os alunos têm grande necessidade de se movimentar e estão ainda se adaptando à exigência de períodos mais longos de concentração em atividades escolares”(BRASIL, 1997, p. 59). Nesse contexto, concordamos com Kunz (2001, p. 67): “O objeto de pedagogia da educação física e dos esportes, assim, se estende ao se-movimentar do homem, o que não implica um homem abstrato, mas o homem que tem história, que tem contexto, que tem vida, que tem classe social [...]”.

Nesse sentido, destaco que a experiência junto ao programa *Mais Educação* possibilitou a continuidade dos meus investimentos existenciais e profissionais com a arte, dessa vez me aproximando da perspectiva do professor-pesquisador, a partir da entrada em um curso superior em Educação Física, onde pude dialogar com diversas teorias da área, ressignificando a minha prática pedagógica cotidiana.

Após a experiência durante as aulas ministradas no ano de 2014, sentiu uma inquietação e uma necessidade de dialogar com autores que me dessem suporte na construção de uma metodologia em que os educandos fossem protagonistas e ativos durante o processo. Partindo dessa compreensão, busquei a formação inicial em Educação Física, e, no ano de 2015, fui contemplado na Plataforma Freire no Curso de Educação Física, Turma PARFOR- Campina Grande-PB, 15.2 (A) – 1. As aulas tiveram início no ano de 2016. Assim, com base nos conhecimentos de judô e ao longo do curso que apenas se inicia, pretendo refletir ainda mais sobre a melhor forma de enriquecer a minha prática educativa.

Já observei que o grau de dificuldade e os desafios não se colocam apenas para os alunos, mas também para o professor, que busca, a cada dia, aperfeiçoar a sua prática e auxiliar os alunos em suas necessidades e inquietações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa experiência relatada, constatei que o judô pode ser desenvolvido através de brincadeiras lúdicas, de modo a possibilitar a educadores e educandos motivação e envolvimento. Para tanto, faz-se necessário um planejamento pedagógico cuidadoso, de forma que flua a colaboração durante a abordagem educativa, favorecendo o desenvolvimento motor

e psicomotor, além do vínculo afetivo entre todos os envolvidos.

É imprescindível não nos alicerçarmos somente nas técnicas e movimentos. Devemos, sobretudo, considerar o “outro” e suas individualidades, suas dificuldades e habilidades, visando sempre à proteção e ao bem-estar da criança. Observo que a brincadeira faz essa ponte, à medida que a aula se enche de alegria e sorrisos. A competitividade deve ser trabalhada de forma saudável, priorizando o trabalho em equipe, no qual vencer não é o mais importante e perder faz parte do esporte e da vida. Como nos ensinou Jigoro Kano, “É somente através da ajuda mútua e das concessões recíprocas que um organismo agrupando indivíduos em número grande ou pequeno pode encontrar sua harmonia plena e realizar verdadeiros progressos”.

A partir da observação da minha prática, sinto a necessidade de me aprofundar mais nos estudos de Silva e Oliveira (2009), que tratam de Sequência Didática Interativa, para, posteriormente, colocar em prática e continuar a minha busca diária de qualificação, devolvendo à sociedade os investimentos feitos na minha formação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação física. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CITAÇÕES DE JIGORO KANO. Disponível em: <<http://citacoes.in/autores/jigoro-kano/?q=122048>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem**, v. 13, n. 2, 2º Semestre de 2009. Disponível em: <http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf>. Acesso em: 01 set. 2016.

FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez. 2008.

FREIRE. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa, tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995.

MEC. **Programa Mais Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

LIBÂNEO, Carlos José. Adeus professor, adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente. 13. Ed. São Paulo: Cortez, 2011. (colação questões da nossa época; v. 2).

PINTO, Douglas Cassiano de Castro; CARVALHO, Raphael Artiaga de Carvalho; BARBOSA, Sergio Servulo



Ribeiro; ALVES, Marcus Vinicius Patente. Judô: Caminho suave ou caminho da vitória? Arte marcial que se esportivizou ou esporte que se tornou arte marcial? In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PROCESSO CIVILIZADOR, 12, 2009, Recife. **Anais...** Recife, PE: UFPE. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Pinto.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2016.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógico do esporte**. 4. ed. Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, 2001 (Coleção educação física).

ROZA, Antônio Francisco Cordeiro. **Judô infantil: uma brincadeira séria!**. São Paulo: Phorte, 2010. 120 p. il.

SILVA, Ana Paula Bezerra da; OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência Didática Interativa como proposta para formação de professores de Matemática**. 2009. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/430.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.



